

AS TONALIDADES DO AMOR

LOS TONOS DEL AMOR

THE SHADES OF LOVE



Milena Diamantino PESSI¹
e-mail: milena.pessi@unesp.br

Como referenciar este artigo:

PESSI, M. D. As Tonalidades do Amor. **Rev. Sem Aspás**, Araraquara, v. 12, n. 00, e023014, 2023. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v12i00.18069>



| Submetido em: 17/05/2023
| Revisões requeridas em: 27/07/2023
| Aprovado em: 22/10/2023
| Publicado em: 30/12/2023

Editor: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Graduanda em Ciências Sociais.

RESUMO: O artigo tem como objetivo apresentar uma análise comparativa sobre a concepção do amor por sociólogos clássicos, como Émile Durkheim, e por contemporâneos, como Danilo Martuccelli, entre outros, com foco em uma perspectiva masculina e majoritariamente branca. A partir dessa comparação, o texto explora como essa perspectiva é distinta da realidade amorosa vivida por mulheres negras, que, muitas vezes, são impedidas de experimentar o amor de forma plena, como pode ser observado na música “Normal Girl”, da cantora SZA. Na letra, a artista expressa as suas angústias ao relatar que nunca se sentiu verdadeiramente amada, uma vez que esse sentimento é percebido como um privilégio negado devido à sua cor de pele.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Mulheres. Privilégio. Social. Cor.

***RESUMEN:** El artículo tiene como objetivo presentar, a través de una revisión bibliográfica, cómo el amor era visto por sociólogos clásicos como Émile Durkheim, y cómo es visto por contemporáneos como Danilo Martuccelli, entre otros, desde una perspectiva masculina y predominantemente blanca, y compararlo con la realidad amorosa de las mujeres negras, quienes se les niega experimentar el amor, como se puede apreciar en la canción "Normal Girl" de la cantante SZA. En la producción musical, la artista relata sus dolores al nunca haber sido amada, pues este es un privilegio que su color de piel no le permite.*

***PALABRAS CLAVE:** Amor. Mujeres. Privilegio. Social. Color.*

***ABSTRACT:** The article aims to present a comparative analysis of the conception of love by classical sociologists such as Émile Durkheim and contemporary scholars like Danilo Martuccelli, among others, focusing on a predominantly white and male perspective. Through this comparison, the text explores how this perspective differs from the romantic reality experienced by black women, who are often hindered from fully experiencing love, as exemplified in the song "Normal Girl" by singer SZA. The artist expresses her anguish in the lyrics by recounting that she has never felt truly loved, as this emotion is perceived as a denied privilege due to her skin color.*

***KEYWORDS:** Love. Women. Privilege. Social. Color.*

Introdução

O amor tem sido um tema presente na realidade humana ao longo do tempo, encontrado em diversas formas de expressão, como mídia, literatura e ciência. No entanto, é notório que o estudo desse sentimento foi historicamente abordado predominantemente a partir de uma perspectiva dominante, que reflete a visão daqueles com poder de escrever e criar tais narrativas e teorias, ou seja, uma perspectiva majoritariamente masculina e branca. Somente recentemente é que essa realidade começou a se modificar. As histórias de relacionamentos amorosos estão ganhando novos rostos e vozes, mas ainda não constituem a maioria. As mulheres negras, em particular, ainda são frequentemente excluídas, sendo tratadas apenas como objeto de desejo, levando a situações de relacionamentos tóxicos devido a questões de baixa autoestima e medo de se sentirem sozinhas. A solidão negra é uma realidade, principalmente aquela com face negra.

Com o intuito de comparar os dois discursos, o artigo proposto realizará uma apresentação de autores e estudiosos em cinco partes distintas. A primeira parte será voltada para o estudo do amor a partir da perspectiva da ciência, com ênfase na teoria de Theodor Reik. Na segunda parte, serão apresentados sociólogos e pesquisadores clássicos que não se concentraram diretamente no amor, mas abordaram o tema em maior ou menor medida, como Georg Simmel, Platão, Werner Sombart e Norbert Elias. A terceira parte do artigo trará as teorias de pesquisadores que dedicaram maior atenção e importância ao tema do amor, utilizando-o como objeto de pesquisa ou como uma variável relevante. Essas teorias serão divididas em duas categorias: o amor *Ágape* e *Eros*. O primeiro é descrito como incondicional e genuíno, e contará com autores como Danilo Martuccelli, Émile Durkheim, Marcel Mauss e Henri Hubert, enquanto o segundo, aquele passional e individualizado, possui argumentos de Zygmunt Bauman, Ulrich Beck, Michel Maffessoli, Niklas Luhmann, Luc Boltanski, Axel Honneth, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu e Eva Illouz.

A seguir, serão apresentados os pensamentos de autores nacionais e contemporâneos, como a pesquisadora e professora Larissa Pelúcio, Antônio Cerdeira Pilão e Túlio Cunha Rossi. E por fim, será conduzida uma revisão bibliográfica sobre a realidade da mulher negra e sua intensa luta contra o racismo estrutural e o sexismo gritante presentes nas sociedades modernas. O objetivo é examinar o tema do amor e suas nuances. Observa-se que as mulheres brancas são frequentemente retratadas como merecedoras de vivenciar o amor, uma ideia que é cada vez mais perpetuada pela mídia, através do ideal do belo e das protagonistas em filmes de romances. Por outro lado, a mulher negra é frequentemente vista como objeto de trabalho ou de desejo.

Seu corpo é fetichizado, e quando o desejo é alcançado, ela muitas vezes é descartada, enfrentando, assim, a solidão. Essa realidade pode ser exemplificada na música da cantora norte-americana SZA, uma mulher negra que aspira a ser digna de um relacionamento sério. Portanto, o artigo visa investigar e compreender por que esse público, em pleno século XXI, é ainda visto com olhares hierarquizados e objetificados.

As teorias sobre o amor

O amor sempre tem sido uma presença constante na vida humana, seja através da literatura, como visto na Grécia Antiga com Platão, ou nas expressões artísticas como música, cinema, teatro, ensaios e novelas. A arte, como um todo, tem servido como palco para esse sentimento, especialmente quando abordado sob uma perspectiva romântica. Sua concepção teve origem no movimento romântico, que propagou a ideia de ser uma emoção avassaladora, mágica, ideal e fundamental, algo que deveria ser vivenciado por todos. O desejo de amar e ser amado é incentivado tanto pela indústria cultural como pela família, e tornou-se um dos principais temas no campo da literatura. No entanto, na ciência, tanto a psicologia quanto a sociologia demoraram a considerar o amor como objeto de reflexão. Somente na década de quarenta, o amor, não apenas o romântico, passou a ser estudado no campo da psicologia como uma variável nos estudos sobre o ser humano, com o trabalho de Reik (1944). Nos anos setenta, o amor também passou a ser abordado em trabalhos sociológicos de forma mais rigorosa, embora já tivesse sido estudado por grandes autores, como Simmel, Platão, Sombart e Elias, principalmente sob a vertente do amor Eros, passional.

O psicanalista Theodor Reik, de origem austríaca, teve uma grande influência freudiana e desempenhou um papel importante na sociologia das emoções, proporcionando os primeiros *insights* sobre o amor. Segundo ele, o narcisismo desempenha um papel fundamental na construção dos relacionamentos amorosos, pois o parceiro ou parceira é escolhido com base nas carências vividas pelo indivíduo ao longo de sua trajetória. Contudo, é importante notar que essa tese se fundamenta principalmente em *insights* do autor e não em pesquisas aprofundadas sobre o assunto. Atualmente, a psicologia ainda discute se o amor deve ser considerado uma emoção e se merece ser tratado como uma variável de influência relevante o suficiente para se tornar objeto de estudos.

De acordo com a abordagem de Reik, o narcisismo emerge como uma das principais variáveis durante a construção de relacionamentos amorosos, pois o parceiro ou parceira é

escolhido com base naquilo que faltou ao indivíduo ao longo de sua vida, em sua trajetória. Contudo, é importante salientar que essa tese se fundamenta principalmente em percepções do autor e não em uma pesquisa aprofundada sobre o tema. Atualmente, a psicologia continua debatendo se o amor é ou não uma emoção e se deve ou não ser considerado uma variável de influência relevante o suficiente para se tornar objeto de estudos.

Por outro lado, a sociologia, apesar de ter demorado a reconhecer a importância desse tema como objeto de pesquisa, indiretamente, estuda o amor desde seus clássicos. Georg Simmel, um sociólogo e muito respeitado professor universitário alemão, inicialmente defende que a emoção está diluída na sociedade, precisa ser encontrada. Ela é um não lugar entre lugares, além de se preocupar com o anestesiamiento presente em Berlim, a não sensibilidade pela dor alheia. E em 1993, lançou seu livro “Filosofia do Amor”, no qual argumentou que o amor é como uma práxis empírica, ou seja, um elemento responsável pela sociabilidade do ser humano, uma parte importante no desenvolvimento da psicologia humana, mas vista como um jogo de sedução. Ele possibilitaria o conhecimento do outro, a sua integração com seu parceiro, e resultaria na formação de um ser único. Existe o eu, o ele, e nós. E tudo seria possível e suportado, a sua fragmentação inclusive, em nome do amor.

Para Platão, por outro lado, em seu livro “Banquete”, o amor é sentido individualmente, sem que haja o contato ou a interação com um parceiro, abstrai-se do outro para conseguir alcançar a transcendência do que é belo em si próprio. Já para o sociólogo e economista alemão Werner Sombart, em seu livro “Amor, Luxo e Capitalismo”, publicado no ano de 1990, este sentimento foi secularizado com o fim das Cruzadas, resultando no luxo, no prazer, principalmente, dos homens, no amor como aquilo que se vive fora do casamento, no sexo, e incentivada pela burguesia europeia através das relações com as mulheres cortesãs.

Para o autor, a secularização do amor começaria após o fim das cruzadas, quando três acontecimentos concorreram para uma profunda mudança na relação entre os sexos: a formação das cortes europeias, a necessidade de esbanjamento dos burgueses enriquecidos e a criação das cidades como centros de consumo. Sombart acrescenta a participação ativa da mulher cortesã, que, com uma impetuosidade refinada, contribuiu para desvincular encantos e gozos do amor da instituição casamento, colocando-os em um outro espaço, o da legalidade e da concubinação. Sombart deu destaque ao prazer proporcionado por mulheres cortesãs de diversas origens (mulheres casadas e abandonadas por seus maridos, moças enganadas por seus noivos), enfim, mulheres que tinham e que possuíam o bom gosto, que teria se difundido pela Europa. Para o autor, o amor secularizado, locus dos impulsos das paixões, realizava-se na legitimidade, em paralelo com os casamentos formais para a reprodução biológica e social da burguesia (JARDIM; SOUZA, p. 5-6, no prelo).

Em 1994, Norbert Elias publicou o livro "O Processo Civilizatório", no qual sustentava que o amor e as subjetividades desenvolvidas nos seres humanos são fatores de grande relevância para a constituição do Estado Nacional e suas configurações mais complexas, uma vez que são moldadas pelas interações sociais e humanas. O amor é visto como uma fuga temporária do jogo calculista que pode caracterizar as interações sociais. Nesse sentido, essa forma de encantamento, na qual o ser humano busca escapar temporariamente da realidade, representa uma liberdade e expressão genuína do sentimento, sendo incentivada, em parte, pela arte da literatura.

A formação de um universo individual em contraponto a um mundo “exterior” – no princípio natural e, depois, social – contribuiu também para o desenvolvimento de modos de classificar e avaliar os próprios sentimentos em face da crescente demanda pelo autocontrole das pulsões, frente a possíveis sanções mais ou menos sutis (JARDIM; SOUZA, p. 6, no prelo).

Na vertente do amor ágape, que se caracteriza por ser incondicional, desinteressado, genuíno e, sobretudo, não egoísta e coletivo, destacam-se quatro principais autores: Danilo Martuccelli, Émile Durkheim, Marcel Mauss e Henri Hubert. Martuccelli (2016), um sociólogo francês, sustenta que tal forma de amor pode ser encontrada na tradição cristã e na construção de uma fraternidade universal, cujo exemplo ideal seria representado pelo bom samaritano. Aquele que vive pelo altruísmo, abnegação e sacrifício, encontra-se imerso no amor ágape. Émile Durkheim, também sociólogo francês e considerado um dos maiores expoentes das Ciências Humanas, defende a tese da solidariedade orgânica, construída por meio do freio moral da humanidade, ou seja, o altruísmo. Esse conceito é responsável por nutrir, desenvolver e fortalecer os laços sociais entre indivíduos desconhecidos. Segundo Durkheim (1893, p. 215), “onde quer que haja sociedade, há altruísmo, porque há solidariedade.”

Já para Marcel Mauss e Henri Hubert (1895), estudiosos franceses de sociologia, o amor ágape é vivenciado através do sacrifício. Nesse contexto, um objeto originalmente comum e profano é consagrado religiosamente por ser considerado a representação divina mais próxima na terra, e é utilizado como oferenda para estabelecer uma conexão e uma relação com Deus, atuando como intermediário entre os mundos. O sacrifício é, dessa forma, uma maneira de preservar e se redimir perante a figura religiosa mais importante de uma cultura.

Portanto, ao analisarmos os diversos autores mencionados, percebe-se a distinção entre o amor Eros, egoísta, sexual e passional, geralmente estudado com maior ênfase pelos alemães, como Sombart, e o amor ágape, de origem francesa, que busca o altruísmo e coloca o bem

coletivo acima de tudo. É importante notar que esse tema não era o foco principal dos estudos em Ciências Sociais desses grandes autores, mas sim um aspecto relevante e presente em suas pesquisas. Contudo, a partir dos anos setenta, essa realidade se modificou, e outros autores como Bauman, Beck, Maffesoli, Luhmann, Boltanski, Honneth, Giddens, Bourdieu e Illouz ganharam notoriedade neste campo.

No livro intitulado "Amor Líquido", publicado em 2004, o filósofo polonês Zygmunt Bauman sustenta a tese de que, assim como o capitalismo e o mercado, que buscam constantemente novidades e variedades, as relações sociais também funcionam de forma semelhante, pautadas pela efemeridade. Segundo Bauman, os parceiros e o amor romântico não possuem laços sociais sólidos e se tornaram mercadorias substituíveis, prontamente descartadas quando algo novo surge. Por sua vez, o sociólogo polonês Ulrich Beck, em sua obra "Caos Totalmente Normal do Amor", escrita em colaboração com sua esposa Elisabeth Beck-Gernsheim e lançada em 2017, argumenta que esse sentimento humano assumiu a forma de um investimento arriscado, visto que a modernidade trouxe consigo novos arranjos afetivos, mais individualizados e não tradicionais, além de ter modificado o conceito de família tal como era conhecido.

De acordo com Michel Maffesoli, pensador francês em seu trabalho de 2014, o amor pós-moderno, na verdade, tem transformado os seres humanos em indivíduos que perderam suas identidades e se conectam com seus instintos animais. Em outras palavras, ele descreve essa realidade como irracional, caracterizada por uma consumação total. Por outro lado, Niklas Luhmann, sociólogo alemão em sua obra de 1991, defende que esse sentimento humano é um fenômeno histórico e um código social vivenciado por todos, o qual possibilita ao ser humano entrar em contato com sua individualidade, caráter e essência. Enquanto isso, o sociólogo de origem francesa Luc Boltanski (1990) acredita que o amor é a única maneira de transcender a busca por justiça e alcançar um estado de paz interior.

Axel Honneth (1992), filósofo alemão e uma das principais figuras da Teoria Crítica, por sua vez, considera que esse sentimento representa um dos primeiros estágios para o reconhecimento do ser humano. Ao nascer, a criança entra em contato com sua família, especialmente a figura materna, e experimenta uma forma de relacionamento baseada em empatia e cuidado. Essa fase é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, pois o amor contribui para a formação das esferas de direitos e solidariedade.

O pensador britânico Anthony Giddens, em sua obra de 1993, argumenta que o estudo do amor romântico é de extrema relevância para a organização social do século XIX, uma vez

que esse fenômeno é fundamental para fomentar e incentivar a liberdade individual. O amor romântico está intrinsecamente ligado à ideia de autodescoberta e realização pessoal, tanto para o indivíduo como para o parceiro. Ao se relacionar com o outro, cria-se a possibilidade de formação de um “nós”, que envolve o crescimento mútuo e a construção de uma história compartilhada. Além disso, Giddens relaciona o amor romântico à emancipação feminina, destacando que a expressão genuína dos sentimentos e uma comunicação real entre os parceiros podem resultar em sujeitos mais críticos e, sobretudo, autônomos. Em contrapartida, Pierre Bourdieu, um dos sociólogos franceses mais citados do século XX, tem uma visão completamente distinta. Segundo sua perspectiva, o amor romântico não atua como uma força emancipatória para as mulheres, mas sim como um instrumento dominador e um fator que pode contribuir para a violência simbólica.

O amor romântico seria o ajustamento inconsciente das mulheres a uma estrutura de dominação, que se expressaria em um discurso que coloca o amor romântico como norma para a felicidade. Bourdieu entende que a cultura androcêntrica prescreve uma fórmula de amor que leva à submissão feminina. Por conseguinte, o amor romântico seria uma forma de violência simbólica, tornando-se um fardo para as mulheres, que passam a conceber o mundo afetivo a partir desse sistema de dominação masculina (JARDIM; SOUZA, p. 14, no prelo).

De fato, o autor apresenta a ideia de que o verdadeiro engajamento no amor pode levar a uma revolução simbólica, quebrando com a dominação masculina historicamente presente. Essa transformação ocorre por meio da sensibilização e do desenvolvimento de relacionamentos profundos, sinceros, igualitários e respeitosos, onde todos os envolvidos assumem compromisso mútuo. Portanto, o amor romântico pode ser tanto uma força que perpetua a opressão e a violência, como também pode ser uma maneira de promover uma revolução representativa quando vivida de forma crítica, honesta e correta.

A socióloga francesa Eva Illouz, uma das principais referências nesse campo de estudo, expõe em sua obra “O amor em tempos de capitalismo”, publicada em 2011, a ideia de que o amor romântico passou por um colapso. Ela atribui esse colapso à proliferação de sites e aplicativos voltados para a busca de afeto, o que levou os relacionamentos a se tornarem mais racionais e a romperem com o romantismo tradicional. Illouz argumenta que os relacionamentos amorosos atuais estão cada vez mais fundamentados na lógica econômica do mercado, resultando no capitalismo afetivo. Para ela, existem “repertórios culturais baseados no mercado, que moldam e impregnam as relações interpessoais e afetivas, sendo que as

relações interpessoais se encontrariam no epicentro das relações econômicas” (ILLOUZ, 2011, p. 8).

Após a apresentação dos autores internacionais da França, Alemanha e Inglaterra, é de extrema importância conhecer o desenvolvimento da sociologia das emoções no Brasil. Essa área de estudo foi reconhecida no território brasileiro somente em 1990, vinte anos após sua consolidação nos Estados Unidos. Dentre os principais autores brasileiros nessa área, destacam-se Pelúcio, Goldenberg, Pilão e Rossi. Pelúcio (2017) argumenta que as relações sociais contemporâneas se assemelham à lógica de mercado, onde o ingresso requer um perfil do usuário, uma espécie de investidor emocional em busca do amor, resultando em um processo racionalizado de algo essencialmente sentimental.

A antropóloga brasileira Mirian Goldenberg (1997), professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, destaca a escassez de homens no mercado afetivo, relacional e, principalmente, no âmbito do casamento. Esses homens são altamente valorizados, especialmente aqueles que buscam iniciar relacionamentos. Essa realidade gera um sentimento de superioridade social nas mulheres casadas, enquanto as solteiras são mais propensas a aceitar o papel de amante ou “outra”. A ideia predominante é de que é melhor ter um amante fixo e fiel do que não estar envolvido romanticamente com alguém.

Com formação em Sociologia e Antropologia, Antônio Cerdeira Pilão (2017) direciona suas pesquisas para o poliamor. Para o autor, essa forma de relacionamento representa uma crítica à monogamia e às transformações sociais ao longo da história. Seu principal argumento é o de eliminar a ideia de amor romântico presente nos relacionamentos monogâmicos, pois essa concepção cria e incentiva a noção de posse entre os parceiros e perpetua o ideal familiar historicamente propagado pela burguesia.

Neste sentido, tal cenário de transformações possibilitaram a emergência de novos arranjos afetivos, como o poliamor, e é neste contexto que o poliamor é vislumbrado como possibilidade de se tornar hegemônico na modernidade tardia. Para o autor, o poliamor se mostra como ambíguo, pois busca conciliar a intimidade, o aprofundamento das relações e a autonomia dos envolvidos (JARDIM; SOUZA, p. 19, no prelo).

O sociólogo brasileiro Túlio Cunha Rossi (2016) possui os seus estudos sobre o amor baseado nas pesquisas que realizou a partir do cinema de Hollywood, com o objetivo de difundir as referências e as influências que os seres humanos sofrem a todo tempo sobre o amor. Com foco nas comédias românticas, ele argumenta que elas conferem a maneira universal de se vivenciar o amor, as relações afetivas, e ainda fazem uma ligação com a feminilidade. Como é

natural da mulher querer se apaixonar, a ponto de se tornar o ideal, a maneira de se sentirem realizados de fatos.

Qual a cor do amor?

A partir de uma extensa bibliografia que abrange diversos autores que estudam o amor sob diferentes perspectivas, como o seu fim, a sua consolidação, a forma como funcionava no passado em contraste com a realidade pós-moderna, sua comparação com o mercado e sua fluidez, é possível afirmar que esse campo de estudo ainda não foi completamente explorado e possui muitos aspectos a serem aprofundados. O amor não é meramente uma variável; é um objeto de estudo rico e influente que constantemente impacta a vida dos seres humanos. No entanto, surge a questão se o amor é realmente universal para todos.

Com a chegada dos europeus no Brasil e o início do processo de dominação, escravidão e violência, a vida da população negra que foi trazida para cá nunca mais foi a mesma. A Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888, declarava que todos os escravos estavam livres a partir dessa data, não mais sendo propriedade de seus senhores. Entretanto, essa lei representou uma falsa liberdade, pois, na prática, “não significou mudanças reais na forma de tratamento para com a população negra, já que ela permaneceu condenada a não ser tratada como ser humano ou como igual para a outra parte da população” (SILVA, 2021, p. 6).

Após a “libertação”, quando saíram das fazendas dos senhores de engenho, a população negra, desamparada pelo governo brasileiro na busca por uma reintegração justa e digna à sociedade, não tinha acesso a terras ou moradias para se estabelecerem. Eles foram relegados ao abandono pela sociedade. Consequentemente, muitos se tornaram mendigos ou começaram a construir suas próprias casas nas áreas de morros e comunidades mais próximas, onde surgiram as favelas, improvisadamente e sem condições adequadas de habitação. Essas residências não dispunham de espaços amplos, saneamento básico ou garantias de qualidade de vida. Assim, o processo de desigualdade social, econômica e psicológica continuou após a abolição, perpetuando o racismo estrutural, a desvalorização, a ideologia do embranquecimento e, principalmente, a objetificação dos corpos negros.

A mulher negra, de fato, tem sido uma das principais vítimas ao longo da história. Além de enfrentar as consequências devastadoras do colonialismo e do racismo, ela se depara com a necessidade de combater o machismo, sexismo, misoginia e a discriminação cultural que a coloca em posições desprivilegiadas. Ainda, precisa lidar com a hipersexualização de seu

corpo, resultado de uma cultura que historicamente o via como um objeto para satisfazer os desejos dos homens brancos, que outrora foram seus senhores, e que, infelizmente, muitas vezes as descartam após o uso.

Essa cultura de objetificação gera graves consequências para as vidas afetivas e emocionais das mulheres negras, impactando diretamente em sua autoimagem. A solidão enfrentada por elas, muitas vezes, decorre de uma falta de opções, resultado de uma herança histórica que relegou seus corpos apenas a dois propósitos: o sexual e o trabalho.

O corpo se sobressai ao sujeito e a subjetividade que o constitui. O enaltecimento do corpo preto e sexual se sobrepõe aos sentimentos e falar sobre a solidão deixa mais visível as preferências que não parte somente do homem, em relações heterossexuais, mas também da sociedade com essas mulheres, onde ressaltar sobre a população de mulheres que se encontram em situação de solidão afetiva seria ir contra as estruturas estabelecidas pelo sistema desde a sua formação em oprimir as mulheres e as reduzir a objetos para as realizações sexuais e também como criadas servis às objetivando mais uma vez (SILVA, 2021, p. 10).

No entanto, é importante salientar que a solidão presente nas relações afetivas e sexuais dessas mulheres não representa a única forma de exclusão que enfrentam ao longo de suas vidas. Ao contrário, essa solidão tem suas raízes na falta de encaixe social e na fragilização de suas identidades, submetidas a determinados padrões e normas para serem aceitas. Ao longo da história, a cultura estabeleceu que a beleza estava intrinsicamente ligada à cor branca, e as mulheres negras de pele clara, frequentemente referidas como mulatas (termo sexista e racista que objetifica a mulher mestiça), foram hiperssexualizadas. A mídia desempenhou um papel crucial na reprodução desse discurso, através de músicas, filmes, peças teatrais, ensaios e na ausência de representação da mulher negra como protagonista e símbolo de beleza e desejo. Essa realidade resulta em danos emocionais, exclusão social e baixa autoestima para as vítimas.

Originado em um legado escravista e colonialista, estabeleceu-se uma hierarquia baseada nas tonalidades de pele, onde as mulheres negras de pele mais escura foram relegadas a papéis domésticos e de prestação de serviços, enquanto as de pele mais clara foram objetificadas para o desejo sexual do homem branco. Seus corpos são desejados, usados e descartados, sem que recebam afeto ou carinho. O amor, portanto, é influenciado pelas tonalidades de cores e hierarquias de gênero, perpetuando-se pelo culto à beleza branca como forma de poder, opressão e delimitação de espaços e status. A ênfase na beleza branca é um dos fatores que contribuem para a solidão experimentada pelas mulheres negras, sendo propagada pela cultura industrial.

A beleza como valor é cruel com todas as mulheres e impiedosa com as negras de pele retinta. Sant'Ana escreveu que as publicidades descreviam a cor de pele escura como sujeita. Nesse contexto, uma mulher preta ser considerada bela é uma quebra do paradigma construída pela branquitude, porque os fenótipos das pretas retintas são incompatíveis com a ditadura da beleza branca. E, ser feia, no cenário patriarcalista em que a aparência física é um valor, faz com que as pretas, em número expressivos, tenham menos oportunidades de conseguir a estabilidade afetiva na concorrência marital em desvantagem com as mulheres brancas (SILVA *et al.*, 2022, p. 525-526).

Um fator adicional que perpetua a ideia da solidão entre as pessoas negras é a preferência, por parte de homens da mesma etnia, por se relacionarem com mulheres brancas ou, pelo menos, de pele mais clara. Isso ocorre porque essas mulheres são vistas como um meio de ascensão social. Mesmo que de forma involuntária, esses relacionamentos inter-raciais são interpretados como uma forma de inserção no meio sociocultural. Como mencionado pelas autoras Silva *et al* (2022, p. 533), “um símbolo da mobilidade social e símbolo da integração do mundo branco para garantia do embranquecimento da descendência que não ficará sujeita a discriminação.” Esse desejo de se identificar e viver entre os brancos, adotando seus modos de agir, falar e se comportar, representa uma vida idealizada e desejada após a desumanização do colonialismo. Portanto, ocorre um processo de “branqueamento psicológico” por parte do gênero masculino, termo comumente chamado de “palmitagem” no senso comum. Essa palmitagem se refere à decisão de não escolher mulheres negras para construir famílias, casar-se, apresentar aos pais e manter relacionamentos duradouros, fortalecendo, assim, o discurso racista.

As mulheres negras enfrentam quase ou total falta de amor em suas vidas, levando à aceitação de serem vistas como amantes ou até mesmo a permanecerem em relacionamentos tóxicos com seus parceiros por medo de enfrentar a solidão caso fiquem solteiras. Elas anseiam por serem amadas, desejadas, cobiçadas e valorizadas o suficiente para terem casamentos e serem assumidas publicamente por seus companheiros. O que é considerado comum para mulheres brancas é uma conquista para as mulheres negras. Uma pesquisa conduzida pela socióloga brasileira Maria Chaves Jardim e pela antropóloga Renata Medeiros Paoliello, que abordou as realidades afetivas de mulheres negras, evidenciou a hipersexualização desses corpos e a falta de compromisso por parte dos homens. Ou seja, essas mulheres eram utilizadas para satisfazer os desejos dos homens, mas nunca consideradas para serem esposas.

O trabalho de campo mostra que, apesar de conscientes de que não estão sendo assumidas, algumas mulheres declararam aceitar a situação e fazer sexo em troca de algum feto. Também encontramos no trabalho de campo o desejo de

andar de mãos dadas com o parceiro. “Meu sonho é ter um namorado para andar de mãos dadas, beijar publicamente. Não precisar ficar escondida. (35 anos, solteira, dos filhos, balconista, segundo grau completo. Mãe e pai trabalhadores rurais na ativa), expressando que o trivial para uma mulher branca se torna uma grande conquista para essas mulheres (JARDIM; PAOLIELLO, 2022, p. 110).

A mulher negra que não se contenta em ser a amante, objeto de desejo descartável ou permanecer em um relacionamento tóxico, apenas buscando afeto, muitas vezes se depara com a falta de opções para iniciar sua vida sexual de forma mais tardia. Elas desejam apaixonar-se, envolver-se em relacionamentos saudáveis e duradouros, anseiam pelo matrimônio e pelo carinho, porém, enfrentam a escassez de parceiros dispostos a oferecer esse tipo de amor. Isso sugere que o amor é percebido de maneira diferenciada, e que ele parece estar direcionado principalmente às mulheres brancas, enquanto as de pele escura são relegadas apenas à satisfação das necessidades das pessoas ao seu redor, seja no âmbito sexual ou por meio do trabalho. Infelizmente, parece que a concepção predominante do amor está associada à cor branca.

Garota normal

A artista norte-americana Solána Imani Rowe, conhecida artisticamente como SZA, é uma cantora e compositora negra, que alcançou reconhecimento e sucesso, incluindo uma vitória no Grammy. Ela se destaca no cenário do R&B contemporâneo. Seu álbum “Ctrl”, lançado em 2017, traz a música “Normal Girl” como a quinta faixa, onde ela relata o desejo de se tornar uma mulher normal, ou seja, uma pessoa digna de ser apresentada à família e ser vista como uma parceira, e não apenas alguém cujo corpo é objeto de desejo quando veste uma blusa justa. Nessa música, ela expressa o drama enfrentado pelas mulheres negras, que mesmo no século XXI, ainda sofrem as consequências do colonialismo.

Essa canção exemplifica as informações apresentadas anteriormente neste trabalho acadêmico. Apesar de o amor ter sido objeto de estudo por grandes pensadores, como Martucelli, Baumann e Eva Illouz, nenhum deles abordou como esse sentimento possui diversas realidades, dependendo de quem o sente ou deseja. SZA é apenas um exemplo dentro de um sistema racista e machista, que sonhou com um grande amor, casamento e a sensação de ser verdadeiramente amada, mas com o passar dos anos, aprendeu que provavelmente não terá isso. Ela será desejada, mas não amada. No verso “*wish i was the type of girl that you take over to mama*” (2017), que traduzido para o português significa “gostaria de ser o tipo de garota que

você apresenta à sua mãe”, a cantora revela o desejo de ser como aquelas que podem ter o que sempre sonhou, ou seja, brancas.

O racismo estrutural presente nas diversas áreas da sociedade, como na economia, política, social, cultural e até mesmo no âmbito afetivo, leva a população negra a desejar se embranquecer de alguma maneira, para serem considerados seres humanos, e não tratados como animais. Isso ocorre porque, infelizmente, muitos acreditam que esse seja o único caminho para se sentirem pertencentes e dignos de respeito e amor. A exclusão social do negro afeta sua existência, autoestima e entendimento de si mesmo como ser humano. Portanto, como mencionado anteriormente e confirmado pela música de SZA, o amor possui sim tonalidades de cores, e não é vivenciado da mesma forma para as pessoas negras.

Considerações finais

O amor não é um conceito uniforme em todas as áreas do conhecimento, como evidenciado neste artigo. Na ciência, por exemplo, teóricos como Theodor Reik abordaram o amor a partir do narcisismo, sugerindo que os parceiros são escolhidos com base no que falta em suas vidas e trajetórias. No entanto, é importante ressaltar que essa abordagem não resultou de uma pesquisa substancial sobre o amor como objeto de estudo, e ainda há debates sobre a viabilidade de considerar o amor como uma variável com poder de influência suficiente para ser objeto de pesquisas científicas.

Da mesma forma, na sociologia, o amor não foi imediatamente aceito como uma variável de estudo significativa. No passado, ele era considerado apenas um detalhe nas teorias sociológicas de autores clássicos, como Georg Simmel, Platão, Werner Sombart e Norbert Elias. Cada um desses teóricos abordou o amor de maneiras distintas. Platão atribuía ao amor um sentido individual que leva à transcendência do belo. Werner Sombart argumentava que o amor se desenvolvia fora dos casamentos, especialmente entre homens e cortesãs, e tinha raízes históricas após as Cruzadas, visto que o matrimônio era visto como um acordo político e econômico entre as famílias. Já para Norbert Elias, o amor era associado ao encantamento e à busca por uma nova realidade, incentivada pela literatura e pela arte.

Ao ser visto em pesquisas como um objeto de estudo ou variável de grande importância, o amor é dividido em duas categorias: o *Ágape*, incondicional e genuíno, e o *Eros*, aquele passional e sexual. Para a primeira ordem, autores como Danilo Martuccelli, Émile Durkheim, Marcel Mauss e Henri Hubert são os principais estudiosos. Segundo Martuccelli, o amor é

aquele encontrado no cristianismo, na representação do bom samaritano, no sacrifício e no altruísmo. Para Émile Durkheim, está presente na solidariedade orgânica, com base no altruísmo e no desenvolvimento do coletivo, com o objetivo de ajudar a fomentar o sentimento do social entre os homens desconhecidos de sua sociedade. Enquanto para Marcel Mauss e Henri Hubert, o amor ágape é sinônimo de sacrifício, redenção e prova do sentimento diante a figura religiosa da cultura em questão. Ou seja, o Ágape ultrapassa o indivíduo, ele possui um sentido maior que o homem, ele é algo coletivo e social.

No entanto, o amor Eros, aquele de natureza passional e sexual, é abordado por diversos autores de forma individualizada, como explicado por Zygmunt Bauman, Ulrich Beck, Michel Maffesoli, Niklas Luhman, Luc Boltanski, Axel Honneth, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu e Eva Illouz. Bauman argumenta que os relacionamentos e o mercado funcionam de maneira semelhante, com os parceiros tornando-se substituíveis e descartáveis, assemelhando-se a mercadorias. Para Ulrich Beck e Elisabeth Gernsheim Beck, o objeto de estudo é o risco em uma sociedade tradicional e individualista. Michel Maffesoli apresenta o amor como um elemento que racionaliza o homem, permitindo-o entrar em contato com suas facetas animais e perder suas identidades. Já Luhmann o concebe como um fenômeno capaz de guiar o ser humano em direção à sua verdadeira essência e individualidade. Para Boltanski, o amor é sinônimo de paz para o homem. Axel Honneth, por sua vez, vê esse sentimento como o primeiro estágio para o desenvolvimento do reconhecimento humano, estabelecendo um laço de empatia, cuidado, solidariedade e, futuramente, fundamentando a esfera do direito. Segundo Anthony Giddens, o amor cultiva a liberdade individual e a realização pessoal. Pierre Bourdieu argumenta que o amor pode assumir duas formas: a de dominador, sendo o principal fator para as violências simbólicas, ou a de revolucionário, se vivenciado de forma correta e honesta. Por último, Eva Illouz defende a teoria de que, com a internet e os aplicativos, o amor segue uma lógica econômica de mercado, moldando as relações afetivas.

Em relação aos autores e estudiosos brasileiros, encontramos as teorias de Larissa Pelúcio, Antônio Cerdeira Pilão e Túlio Cunha Rossi. Pelúcio argumenta que ocorre uma alta valorização dos homens no mercado dos relacionamentos amorosos, gerando uma falsa superioridade social masculina, e, especialmente, no matrimônio, das mulheres. Segundo Antonio Cerdeira Pilão, a monogamia incentiva a concepção de posse, uma ideia enraizada no pensamento social pela burguesia e ainda presente na contemporaneidade. Enquanto Túlio Cunha Rossi alega que o cinema hollywoodiano propagou o desejo de amar e ser amado pelas mulheres, tornando-se um ideal e a única maneira de se sentirem realizadas.

Entretanto, é importante ressaltar que a maioria das teorias sobre o amor foi desenvolvida por estudiosos, em sua grande maioria, homens brancos e de elite. Eles não experimentaram a dor de ter seus corpos hipersexualizados apenas por causa da cor da pele, uma realidade vivenciada por mulheres negras. Para elas, o amor é um ideal, um desejo, um anseio, uma vantagem. O que é comum para as mulheres brancas não se aplica às mulheres negras, pois, como afirmam Maria Chaves Jardim e Renata Medeiros Paoliello, elas enfrentam a hipersexualização de seus corpos e a falta de compromisso. Essa triste realidade pode ser confirmada na música “Normal Girl”, da cantora SZA, na qual ela anseia por ser vista com olhos apaixonados. Ou seja, o amor possui tonalidades claras.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **O caos totalmente normal do amor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BOLTANSKI, L. **L'Amour et la Justice comme compétences**. Paris: Editions Métailié, 1990.
- DURKHEIM, E. **De la division du travail social**: Etudes sur l'organisation des sociétés supérieures. Paris: Alcan, 1893.
- ELIAS N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- GOLDENBERG, M. **A outra**: Um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado. 7. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1997.
- HONNETH, A. **Kampf um Anerkennung**: Grammatik sozialer Konflikte. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.
- ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- JARDIM; SOUZA. **Sociologia do Amor**: a construção do amor como tema de estudo nas Ciências. No prelo.
- JARDIM, M. C.; PAOLIELLO, R. M. Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto. **Tomos**, [S. l.], n. 41, p.

87-126, 2022. DOI: 10.21669/tomo.vi41.17483. Disponível em:
<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/17483/12921>. Acesso em: 10 jan. 2023.

LUHMANN, N. **O amor como paixão**: Para a codificação da intimidade. Lisboa: Difel, 1991.

MAFFESOLI, M. **Homo Eroticus**: Comunhões emocionais. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARTUCCELLI, D. O indivíduo, o amor e o sentido da vida nas sociedades contemporâneas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 86, p. 147-165, 2016. DOI: 10.1590/S0103-40142016.00100010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/VvXTsfZHkNKBkSpKCn8gMzt/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MAUSS, M.; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Ubu editora, 1895.

PELÚCIO, L. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em dispositivos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCar**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 309-33, 2017. DOI: 10.4322/2316-1329.016. Disponível em:
<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/526/212>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PILÃO, A. C. **“Por que somente um amor?”**: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PLATÃO. **Banquete**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

REIK, T. **A psychologist looks at love**. New York: Farrar & Rinehart, 1944.

ROSSI, T. C. **Amor romântico e cinema Hollywoodiano**: Considerações sociológicas sobre imagens, gênero e emoções. In: CONGRESSO PORTUGUÊS, 9., 2016, Algarve. Tema: Portugal, território de territórios, 2016.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993

SILVA, M. F. S. **A Solidão da Mulher Negra**: a “cor do amor” em relacionamentos conjugais. 2021. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, 2021.

SILVA, E. W. O *et al.* Os velhos caminhos da solidão da mulher negra. **Revista da ABPN**, [S. l.]. v. 14, n. 39, p. 522-545, 2022. DOI: 10.31418/2177-2770. Disponível em:
<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1322/1274>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SOMBART, W. **Amor, luxo e capitalismo**. Venda Nova. Bertrand, 1990.

SZA. **Normal Girl**. Los Angeles: Top Dawg Entertainment, 2017.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaria de agradecer à professora Maria Aparecida Chaves Jardim por ministrar a disciplina Sociologia do Amor, o qual este artigo foi baseado.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho em todo o seu processo respeitou a ética e não foi preciso passar pelo comitê.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho foram textos de fácil acesso no Google Acadêmico, em bibliotecas e revistas.

Contribuições dos autores: A contribuição da autora Milena Diamantino Pessi baseou-se na leitura dos textos, coleta de dados e escrita de tal artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

